

Água

Por Myrthes Gonzalez

Naquela época o veraneio Hampel era um hotel simples e tradicional da serra gaúcha. Suas janelas davam para a floresta de araucárias.

Éramos os únicos hóspedes, ocupávamos todos os quartos. Barulhentos, dançávamos durante todo o dia e cantávamos depois do jantar.

A dança.

Maria Paula sussurrou em meu ouvido: *Você é água.*

Em seguida, com a mão em concha derramou o líquido fresco em meu rosto.

Eu repeti: *Eu sou água.*

Cercada pelo grupo, iniciei a dançar. Não era uma apresentação, muito menos eu era observada. Eu os levava e eles torciam e se emocionavam a cada pequeno movimento que a música me conduzia a fazer.

Estava além da arte, era um ritual, uma viagem ao desconhecido.

Não tente explicar o mistério, ele é feito para se viver. Mergulhe.

Eu era Teseu entrando no labirinto, eles Ariadne e, ao mesmo tempo, eram o labirinto.

Repeti: *Eu sou a água!* Maria Paula verteu uma porção generosa em meu peito.

Ouvi o coro: *Água! – Tu és água!*

Girei e dancei de olhos fechados.

O tempo é uma dimensão aprisionante pois, ao contrário do espaço, não nos permite voltar.

Girei. Uma quantidade grande de água me atingiu. Meus pés estavam descalços. O chão estava banhado. Girei. Gritei: *Eu sou água!*

O tempo é uma ilusão, pois tudo o que aconteceu, continua acontecendo. Não há como ir ou voltar, pois tudo está.

Me senti leve e voei, um voo sem corpo. Meu olhar sobrevoava os oceanos. Era uma água densa, revolta, tensa e dramática. Uma água cheia de espumas e ondas. Um cenário de cataclisma.

Uma voz dentro de mim disse: *Este é o oceano primitivo. O início da vida.*

Estremeci. Respirei fundo e percebi que estava caída no chão encharcado. Com muita doçura as pessoas me ajudavam a sair daquele estado.

Secamos o salão e nos dirigimos aos quartos, para nos preparar para o jantar. Foi quando o gerente muito envergonhado nos pediu desculpas pois algo tinha acontecido com a caixa d'água. Um cano se rompeu e inundou todos os quartos do hotel.